



Comunicação em rede, mudanças cognitivas e democracia representativa: rejeição ao sistema político na *fanpage* “Juiz de Fora da depressão”.¹

Thalita Gonçalves da ROCHA²
Francisco José Paollielo PIMENTA³

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

Desde a década de 60 McLuhan anunciou que o uso das tecnologias eletrônicas de comunicação trariam mudanças cognitivas e, por conseguintes, sociais. Ele e outros autores destacaram o papel dessas tecnologias como suscitadoras de debates sobre os padrões políticos. Considerando-se essa vertente de estudos, o presente trabalho apresenta pesquisa sobre a possível existência de relações entre a interação com as tecnologias de comunicação, mais especificamente, as atuais plataformas multicódigos, e atos de rejeição à democracia representativa no Brasil. A investigação seguiu o método Pragmaticista de Charles Peirce, adotando a tríade de inferências abduativas, dedutivas e indutivas. Os testes empíricos foram aplicados em uma amostra selecionada aleatoriamente entre usuários do site Facebook filiados à *fanpage* “Juiz de Fora da Depressão”.

PALAVRAS-CHAVE

Comunicação em rede; Mudanças cognitivas; Democracia representativa; Pragmaticismo; Facebook.

INTRODUÇÃO

A história da política é marcada por manifestações e movimentos de rupturas, que oxigenam o sistema e trazem mudanças. No entanto, as duas últimas décadas agregaram a esses movimentos as possibilidades do ciberespaço. Desde as primeiras mobilizações na virada do século, às recentes insurreições árabes e movimentos europeus, no “Junta Brasil”, em 2013, assim como nos protestos que vêm ocorrendo nesse ano, a presença da comunicação em rede digital pôde ser notada como fator de grande importância. Mas será que esses meios desempenharam só o papel de

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

² Mestranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação da UFJF - PPGCom/UFJF. E-mail: thalita3rocha@gmail.com

³ Professor Permanente do PPGCom/UFJF. Tutor do PET Facom. E-mail: paoliello@acessa.com.



ferramentas, ou consistiriam também um componente imprescindível dos protestos que levaram milhões de pessoas às ruas?

De acordo com diversos autores que serão apresentados no decorrer deste trabalho, o uso das redes digitais está intimamente ligado às formas de interação política. Mesmo em épocas distintas e a partir de correntes e quadros teóricos diferentes, foi defendido que esse uso possibilitaria formas de participação direta nos governos, as quais seriam mais bem vistas pela população do que os modos atuais, fundamentados na representação. Ou seja, existe a ideia de que a disseminação dos meios de comunicação interativos poderia implicar na decadência dos modelos governamentais representativos.

Das percepções do uso crescente dessas tecnologias no país, assim como da ocorrência de manifestações contra as formas de governos estabelecidas, somadas às teorias apresentadas pelos autores que serão citados a seguir, chega-se ao objetivo deste trabalho: um pequeno mapeamento sobre as possibilidades de demonstração de rejeição em relação à democracia representativa brasileira em uma amostra de interatores do ciberespaço. Esse quadro de possível rejeição será abordado por meio de estudos dos processos comunicacionais e não a considerações sobre a política partidária, embora se leve em consideração alguns aspectos mais gerais do sistema democrático representativo em oposição a um padrão de participação direta.

A pesquisa utilizou como metodologia de base o Pragmaticismo, derivado da obra de Charles Sanders Peirce. Essa teoria, enquanto método de pesquisa, propõe a existência de uma lógica de raciocínios a ser seguida pelos pesquisadores para que se alcance uma regra geral. Em primeiro lugar, deve ser lançada uma hipótese a partir da percepção do contexto existencial ao seu redor, em busca daquilo que Peirce chamou de *flash* da abdução. Em seguida, é preciso deduzir quais efeitos práticos seriam observados na amostra escolhida caso essa hipótese fosse verdadeira, o que vem a se constituir como as variáveis para o imprescindível teste empírico.

Por fim, por meio do teste dessas variáveis frente ao comportamento real da amostra, o pesquisador pode verificar se os efeitos que ele deduziu se confirmaram ou não e, daí, propor, mesmo que de forma tentativa, a regra geral que preside aqueles fenômenos. Desta forma, com os resultados em mãos, ele realiza o raciocínio de “indução”, ou seja, transforma as conclusões que obteve em uma pequena parcela, a amostra, em uma regra geral para o universo de pesquisa como um todo.



1. Comunicação em rede digital e mudanças cognitivas.

Com base em pesquisa recente, Pimenta (2014) nos traz uma relação de autores que discorreram sobre mudanças cognitivas advindas do uso de tecnologias de comunicação, a partir de diversas perspectivas. Segundo ele, já na década de 60 do século XX, McLuhan defendia que o uso das tecnologias eletrônicas não apenas alterariam os hábitos da vida humana, mas também as estruturas do pensamento e da valoração (McLUHAN, 1964).

O autor dividiu a história da civilização ocidental letrada em duas eras: a mecânica e a elétrica: a primeira, iniciada com a alfabetização fonética, teria sido marcada por tecnologias fragmentadas, especializadas e lineares; já a segunda se caracterizaria pela “simulação tecnológica da consciência humana” (McLUHAN, 1964, p.17), e seria, portanto, coletiva e interconectada, o que culminaria em uma implosão do tempo e do espaço e no direcionamento da humanidade para uma “aldeia global” (McLUHAN, 1964, p. 112).

Mais tarde, Lévy também apontou para o crescimento de uma “mente humana interconectada”, por meio de seu conceito de “inteligência coletiva”, ou seja, uma “inteligência distribuída por toda parte”, que seria coordenada em tempo real com o auxílio das tecnologias de comunicação (LÉVY, 1998, p. 28).

A ideia do pensamento humano como construção coletiva liga esses conceitos à obra de Peirce, pois, de acordo com esse autor, assim como os demais seres vivos, os seres humanos estão inseridos em um processo sógnico que constitui a lógica ou o “pensamento” do Universo (PEIRCE, 1931-58). Em consequência, os processos de raciocínio e as descobertas deles decorrentes são mais eficientes na medida em que se aproximam dessa lógica (PEIRCE, 1931-58).

Um dos fatores que favorecem a proximidade dos conceitos com a lógica do Universo seria a heterocrítica, ou seja, a atitude de submeter os conceitos ao maior número de críticas possíveis, fundamentadas em pesquisas científicas (PEIRCE, 1931-58). Numa atualização dessas ideias, se pode citar Jenkins, que ressalta como as tecnologias de comunicação estão possibilitando certa medida de heterocrítica ao mercado midiático, apresentando diversos modelos da construção coletiva de significação pelos grupos de consumidores .



Essa ação coletiva que dá aos consumidores maior poder de representatividade frente ao mercado também poderia, segundo Jenkins, influenciar a tomada de outros tipos de decisões “mais sérias” (JENKINS, 2008, p. 28). Mas será que as decisões políticas seriam um exemplo disso?

2. Comunicação em rede digital e padrões de participação política.

Um fato em comum nas obras dos autores citados anteriormente é que eles dedicaram capítulos e partes de seus livros para descrever possíveis desenvolvimentos de diversos aspectos de caráter social e político em vista das transformações cognitivas geradas pelas tecnologias de comunicação.

McLuhan, por exemplo, fez críticas severas à forma de funcionamento das instituições sociais de um modo geral. Para ele, elas estavam fundamentadas na era mecânica e não conseguiriam coexistir com a dinâmica de transformação da era elétrica (McLUHAN, 1964) A política, juntamente com as formas tradicionais de ensino, foram seus alvos principais:

À medida que aumenta a velocidade da informação, a tendência política é a de afastar-se da representação e delegação de poderes em direção ao envolvimento imediato de toda a comunidade nos atos centrais de decisão (...) quando se introduz a velocidade elétrica nessa organização mandatária e representacional, esta obsoleta organização somente pode sobreviver em função de uma série de subterfúgios e artifícios, que provocam a indignação de muitos observadores, que consideram esses recursos como traições soezes aos objetivos e propósitos originais das formas estabelecidas (McLUHAN, 1964, p. 230).

Como se pode perceber, o autor defendia um envolvimento direto da comunidade em lugar do sistema representativo, ideia que também é valorizada por Pierre Lévy em seu “Manifesto por uma política molecular” (Lévy, 1998, p. 59), no qual descreve um sistema de democracia direta por meio de “ágoras virtuais” (LÉVY, 1998, p. 62).

Existem três correntes que definem a democracia: aristotélica, romana e de Maquiavel. A concepção aristotélica da soberania do povo restrita às leis por ele mesmo deliberadas foi adotada na maior parte da tradição do pensamento ocidental, embora a democracia representativa no Ocidente siga alguns padrões da democracia romana, na qual o povo “cria o direito através do voto” (BOBBIO; MATTEUCI; PASQUINO, 1998, p.321). Ou seja, o povo é a fonte originária do poder, mas pode existir um efetivo



detentor do poder soberano como seu representante (BOBBIO; MATTEUCI; PASQUINO, 1998).

Quando Lévy fala em democracia, ele faz referência ao modelo aristotélico como a “real democracia” (LÉVY, 1998, p.62) e aponta as tecnologias de comunicação como favorecedoras dessa deliberação conjunta, articulando essa ideia ao modelo das ágoras gregas:

O uso dessas “ágoras virtuais” melhoraria sensivelmente a elaboração das questões, a negociação e a tomada de decisão em coletivos heterogêneos e dispersos. (...) A democracia só progredirá explorando da melhor forma as ferramentas de comunicação contemporâneas (LÉVY, 1998, p.62).

Portanto, seu manifesto é por uma “democracia direta”, seguindo o seu modelo da “Dinâmica da cidade inteligente” (LÉVY, 1998, p.69), uma “utopia realizável” que Jenkins retoma em sua obra (JENKINS, 2008, p.316). Com uma visão mais comedida, o pesquisador norte-americano destaca campanhas inspiradas na cultura popular que trazem à tona ideias de “mudanças no papel do público no processo político” (JENKINS, 2008, p.287) e na forma como as pessoas pensam sobre comunidade e poder, “para que sejam capazes de mobilizar a inteligência coletiva e transformar o governo” (JENKINS, 2008, p.287).

Jenkins ressalta também que a esfera do ciberespaço, apontada por Lévy como lugar ideal para ocorrer a dinâmica interativa que possibilitaria a democracia direta, é um ambiente onde ocorre um “jogo de forças” entre mídias, corporações tradicionais e grupos alternativos. Isso quer dizer, segundo ele, que essa esfera, por si mesma, não é suficiente para gerar espontaneamente as “ágoras virtuais”, mas que “o público precisa lutar por seu direito de participar, por seu acesso à informação e pelo consequente poder de moldar os processos democráticos”(JENKINS, 2008, p.292).

3. Pragmaticismo como método.

Ao observar os fenômenos da natureza, Peirce desenvolveu um sistema de categorias universais para entendê-los e deu início ao seu estudo da Fenomenologia, ou “doutrina das categorias” (SANTAELLA, 1997, p.98): a Primeiridade, categoria das qualidades e potencialidades; a Secundidade, relativa à existência concreta; e a Terceiridade, categoria das leis e convenções. Ele concluiu também que a natureza do universo seguia uma lógica própria, além da compreensão humana.



Peirce concebeu que o refinamento dos hábitos mentais dos seres vivos, ou seja, o processo lógico realizado para ampliar conhecimentos, configuraria uma busca por uma aproximação a essa lógica do Universo. Ele sintetizou alguns passos desse processo e daí surgiu o Pragmaticismo (PIMENTA, 2014), ou “método para determinar o significado dos conceitos intelectuais” (NÖTH, 1995, p. 34).

Esses passos seriam, segundo ele, seguidos tanto para ampliação de conhecimentos intelectuais simples por parte de animais, quanto para as descobertas científicas, ou seja, qualquer busca de significação. Pimenta sintetiza assim essa postura:

O significado passa a ser associado a uma possível mudança de hábitos derivada de resultados obtidos com a investigação, decorrente, por sua vez, do lançamento de hipóteses, da dedução de suas possíveis consequências práticas e da avaliação do grau de confirmação indutiva desses efeitos previstos perante os fatos observados (PIMENTA, 2014, p.12).

As três categoriais estão presentes em todos os estudos de Peirce e, portanto, aparecem nessas etapas de busca ou investigação representadas nas três formas de raciocínio: a abdução, a indução e a dedução. A abdução é o processo lógico de associação entre ideias inusitadas derivadas dos juízos perceptivos que são desencadeados pela relação entre signo e objeto (PIMENTA, 2014), ou seja, é uma espécie de *insight*, conforme diria Peirce. É através dela que lançamos a hipótese desse trabalho.

Antes que a hipótese seja aqui descrita, no entanto, é preciso que ela seja localizada. Assim, dentro do vasto campo que descreve as tecnologias de comunicação, será considerado o subgrupo das redes digitais, e, mais especificamente, como subgrupo dessas redes, serão contempladas as plataformas multicódigos, definidas por Pimenta como aqueles processos comunicacionais que se dão de forma sinestésica, presencial, ubíqua e imediata, e nos quais as mentes envolvidas apresentam maior consciência de seus hábitos inferenciais e dos próprios processos que as envolvem (Pimenta, 20014).

Portanto, considerando a democracia representativa no Brasil e o atual contexto comunicacional marcado pelas plataformas multicódigos, é proposta a seguinte hipótese: na medida em que aumenta a interação dos cidadãos brasileiros com os processos comunicacionais multicódigos, se observada maior consciência de suas características funcionais, mais ocorre uma rejeição à democracia representativa no país, advindo daí atitudes voltadas a ações *online* e presenciais contra essa forma de governo.



De acordo com o método pragmaticista, formulada a hipótese, é preciso testá-la em uma amostra que contemple brasileiros que interagem com alguma plataforma multicódigo. No caso deste trabalho, os procedimentos adotados para a escolha dessa amostra se referiram à pesquisa do tipo qualitativa, que se preocupa com realidades não quantificáveis, o que quer dizer que sua validação não está no número de sujeitos incluídos na amostra, mas na profundidade e abrangência do estudo a ela relacionado (MINAYO, 2001). Além disso, segundo Peirce, em uma pesquisa qualitativa, a amostra deve ser definida ao acaso, selecionando sujeitos que estejam significativamente vinculados ao problema estudado (PIMENTA, 2014).

Observando esses requisitos, foi escolhido como exemplo de plataforma multicódigos o *site* de rede social Facebook. Essa plataforma permite a inserção de imagens estáticas e em movimento, faixas sonoras e códigos verbais, possibilitando, portanto, processos comunicacionais sinestésicos. Ele permite também uma comunicação ubíqua e imediata (consideradas eventuais limitações de conexão com a internet) para milhões de pessoas, constituindo, hoje, o segundo *site* mais acessado no Brasil e no mundo.⁴

Com o intuito de delimitar a amostra foi escolhida a *fanpage* “Juiz de Fora da depressão”, que se autodenomina como “Página de humor, entretenimento, ação social, diversidades e cultura no sentido plural”, e possui 70.259 seguidores até o presente momento⁵.

Após a escolha da amostra, a hipótese foi reconfigurada para o teste empírico, tomando a seguinte redação: na medida em que é maior a interação com o Facebook, se verificada certa consciência de suas características funcionais, mais é observada nos usuários uma rejeição à democracia representativa brasileira e essa desaprovação é externada em atitudes voltadas a ações *online* e presenciais contra essa forma de governo.

Depois da adaptação da hipótese vem a segunda etapa do processo lógico proposto pelo Pragmaticismo, que é a dedução. Ao submetê-la a um diagrama mental, seus possíveis efeitos práticos podem ser deduzidos em vista de suas interações da comunidade escolhida. A seguir são destacados dois deles:

⁴ ALEXA. **Top sites in Brazil**. Disponível em: <<http://www.alexa.com/topsites/countries/B/R>>. Acesso em 06 jun. 14.

⁵ Dados obtidos no dia três de maio de 2015.



1. Ao considerarmos como válidos o enunciado “maior a interação” e a condicional “certa consciência de suas características funcionais”, inseridos no início da hipótese, os usuários que mais interagissem com o Facebook e demonstrassem mais consciência dos processos de funcionamento da *fanpage* seriam os mesmos que manifestariam maior rejeição à democracia representativa brasileira;

2. Ao considerarmos como verdadeira a afirmação “e essa desaprovação é externada em atitudes voltadas a ações *online* e presenciais contra essa forma de governo”, incluída na hipótese, os usuários que mais interagissem com o Facebook e demonstrassem consciência dos processos de funcionamento da *fanpage* seriam os mesmos que demonstrariam engajamento contra essa forma de governo.

Para verificar se esses efeitos ocorriam, de fato, na amostra, foram elaborados e aplicados testes empíricos. Como método de pesquisa foi escolhida a realização de questionários, segundo orientações metodológicas de Marconi e Lakatos (2003).

4. Os testes empíricos e seus resultados.

O questionário elaborado foi dividido em quatro seções, contemplando as quatro variáveis envolvidas na hipótese: 1. Tempo de interação com a plataforma multicódigo (para verificar em quais usuários ela seria “maior”); 2. Consciência dos padrões de funcionamento do *software*, enquanto plataforma multicódigo; 3. Opinião sobre a democracia representativa (para verificar se havia rejeição); 4. Atitudes voltadas a ações *online* e presenciais contra essa forma de governo.

Foram enviados duzentos questionários em dois dias definidos aleatoriamente e dado o prazo de trinta dias para as devoluções. Nesse período, vinte questionários foram devolvidos, um pouco abaixo da porcentagem de 25% de devoluções prevista por Marconi e Lakatos (2003).

4.1 Variável “Tempo de interação com a plataforma multicódigo”.

Em relação à primeira variável, verificou-se que 40% dos entrevistados ficam de 10 a 15 horas por semana *online* e 30% deles ultrapassam quinze horas semanais. Ou seja, 70% dos entrevistados dispõem em média duas horas por dia utilizando a internet.



Quase 100% da amostra passa boa parte desse período de utilização da internet logada no *site* de rede social Facebook: 40% deles afirmaram que assim que ligam seus computadores, abrem seus Facebooks, ficando logados praticamente em tempo integral, e outros 45% declararam que passam aproximadamente metade do tempo em que estão *online* com o Facebook aberto.

Antes da apresentação das porcentagens relativas à *fanpage* “Juiz de Fora da depressão” é necessário ressaltar que o recebimento de atualizações das *fanpages* está relacionado a *softwares* e dispositivos de vigilância digital. Por exemplo, um *software* classificado como “agente social” cria “grupos num banco de dados” e “zonas de agrupamentos de gosto” (BRUNO & VAZ, 2002, p.30), ou seja, “quanto mais cliques e acessos um usuário direciona para um conteúdo, mais a máquina lê como uma preferência, um interesse pessoal do leitor” (FAVA & PERNISA JÚNIOR, 2014, p. 4). “Em outras palavras, é como se o dono de um supermercado oferecesse um serviço de entrega de compras do mês baseado no histórico do que a pessoa consome” (FAVA & PERNISA JÚNIOR, 2014, p.5).

Com base nesse conceito, é possível afirmar que quanto mais um usuário interagir com a *fanpage* mais receberá suas atualizações, e que os tipos de interação com essa página também serão levados em conta, tais como ‘curtir’, ‘comentar’ e ‘compartilhar’ os *posts* em determinadas frequências. Além disso, outros fatores também são considerados para o recebimento de atualizações: a interação dos amigos mais próximos com a mesma página, se existe concorrência no *feed* do usuário entre páginas de gêneros semelhantes, e o impulsionamento da própria publicação, ou seja, quanto mais interações uma publicação obtiver maiores as suas chances de chegar a mais usuários. Entretanto, no caso do *site* de rede social Facebook, esse *software* é regido por algoritmos não divulgados.

Para que se chegasse a uma conta exata de porque certos usuários receberem mais *posts* da “Juiz de Fora da depressão” do que outros seria preciso a visualização desses algoritmos, além de todos os dados dos *feeds* dos usuários selecionados na amostra e do impulsionamento dos *posts* da página. Portanto, para tornar essa pesquisa possível será considerado apenas o fator “agente social”, ou seja, será suposto apenas que os entrevistados que mais recebem atualizações da *fanpage* são os que mais interagem com ela.

Por fim, as porcentagens: 40% dos entrevistados recebem atualizações da *fanpage* de três a cinco vezes por semana, e outros 40% recebem atualizações



diariamente. Isso quer dizer que 80% da amostra demonstrou uma taxa alta de interação com essa plataforma.

4.2 Variável “consciência dos padrões de funcionamento do software, enquanto plataforma multicódigo”.

A primeira pergunta relativa a esta variável se tratava de um anúncio publicitário em três modelos de *posts* diferentes. Os três apresentavam um slogan comercial e o nome da loja, porém na alternativa “A” havia o endereço da loja escrito, na alternativa “B” um mapa da loja, retirado do *Google maps*, e, na alternativa “C”, a união dos dois códigos.

Em vista de se tratar de uma publicidade, estipulamos que sua eficiência estaria ligada à sua potencialidade estética⁶ e de boa compreensão. Portanto, o objetivo dessa pergunta era verificar qual *post* os entrevistados considerariam mais propenso a obter sucesso dentro desses requisitos. Foi pedido aos entrevistados que justificassem suas escolhas e suas respostas foram classificadas em tabelas pela reincidência de termos e seus sinônimos.

O *post* contendo dois códigos (visual e escrito) foi considerado o mais eficiente para 55% dos entrevistados. Essa mensagem feita no padrão multicódigo foi adjetivada nas justificativas como a que continha a melhor apresentação, no sentido estético, chamando mais atenção dos receptores, além de ter o conteúdo mais compreensível e foi descrita como sendo a mais completa.

A outra questão que compunha essa variável era referente à utilidade pública. Foi perguntado aos entrevistados como eles prefeririam receber uma notícia de um acidente que atrasasse as atividades de trânsito em uma via que estivesse em seus itinerários, segundos antes que saíssem de casa. Novamente foram oferecidas três alternativas de *posts*, uma com o código visual, uma com o código escrito e uma multicódigo.

Considerando a circunstância imaginária em que essa notícia seria recebida, estipulamos que sua eficiência estaria ligada à rapidez de sua compreensão. Portanto, o objetivo dessa pergunta era verificar qual dos *posts* os entrevistados associariam a essa rapidez e clareza. A maioria dos entrevistados, 75%, escolheu a opção multicódigo.

⁶ Estamos adotando aqui o conceito morfológico de “estética”, palavra com origem no termo grego *aisthethiké*, que significa “aquele que nota, que percebe”.



Novamente, os termos “mais completo” e “melhor compreensão” apareceram em quase todas as respostas.

Por fim, a última questão desta sequência foi uma introdução ao tema “política” no questionário. Lembrando que a pesquisa foi feita durante o mês de Outubro de 2014, período das eleições presidenciais no Brasil, logo depois do anúncio dos candidatos que comporiam o segundo turno. Foi pedido aos entrevistados que escolhessem o *post* que transmitisse a mensagem mais clara sobre essa composição.

Como se tratava de uma mensagem informativa, sem caráter emergencial como no caso da questão anterior, e que abordava um assunto já conhecido por quase todos no País, estipulamos que sua eficiência não estaria muito ligada à compreensão do assunto, mas a uma determinada forma de expressão e apelo estético.

Nessa questão, 75% dos entrevistados preferiram a alternativa multicódigo. Desse total, 25% apontaram essa como a melhor opção por ser a mais completa, e outros 25% por ser a mais apresentável no sentido estético, e 15% escolheram essa opção por acreditarem que a união dos códigos traz melhor compreensão.

4.3 Variável “opinião sobre a democracia representativa”.

Sobre a opinião dos participantes em relação ao padrão de governo vigente, foi perguntado, primeiro, se para eles existe uma segurança de que os candidatos eleitos irão representar as vontades do povo. As respostas foram pessimistas: 45% marcaram a opção de que “depois de eleitos, os candidatos se distanciam do povo”; outros 40% afirmaram que não existe essa segurança por conta das dificuldades burocráticas e, por fim, 10% assinalaram que o problema dos representantes nem sempre cumprirem a vontade dos representados é devido à própria dificuldade de discerni-la, pois a vontade do povo é dispersa.

Ao serem perguntados sobre quais seriam as melhores formas do País tomar decisões importantes, nenhum dos entrevistados marcou a opção “através de votações dos representantes do poder Legislativo (deputados, senadores e vereadores) em seus locais institucionais”. Os participantes escolheram formas alternativas ao processo representativo: 70% indicaram a prática de plebiscito como melhor forma, 15% optaram pela “democracia direta por meios digitais”, e outros 15% defenderam que as leis sejam votadas pelo poder Legislativo, desde que todas as sessões sejam públicas.



É importante refletir que o termo “democracia direta por meios digitais” talvez não seja uma opção muito clara para muitos dos participantes, que provavelmente nunca ouviram falar das “ágoras virtuais” de Lévy. No entanto, a escolha pelo plebiscito pode indicar um desejo pela democracia direta, afinal o plebiscito é definido como “uma votação popular sobre assuntos de relevância constitucional, sendo, por isso, um instrumento de democracia direta” (BOBBIO; MATTEUCI; PASQUINO, 1998, p. 927). Assim, o termo indica “pronunciamentos populares não precedidos por atos estatais” (BOBBIO; MATTEUCI; PASQUINO, 1998, p. 927), ou seja, que não passam pela representação.

4.4 Variável “engajamento político”.

O pessimismo em relação ao modelo representativo, no entanto, parece não refletir diretamente no engajamento, pelo menos não nas formas tradicionais, também ligadas à representação: 85% dos entrevistados nunca se filiaram a qualquer partido, mas 20% procuram acompanhar as atividades desenvolvidas por essas organizações, à distância. A participação nos sindicatos é ainda menor: 90% nunca se filiou a um sindicato, e somente 15% acompanham notícias e informativos sobre eles.

Quando a pergunta foi sobre manifestações e protestos, que são formas de participação direta na exigência dos direitos, o quadro ficou mais equilibrado: 40% dos entrevistados já participaram de um protesto ou manifestação nas ruas, 20% já se envolveram em greves e 5% já realizaram ocupações pacíficas.

5. Considerações finais

Este trabalho buscou articular o contexto existencial representado pela realidade local e global de crescentes protestos contra os governos, assim como a ascensão das tecnologias digitais de comunicação em rede com pensamentos de autores que previram que o avanço tecnológico ocasionaria o enfraquecimento da democracia representativa. Para averiguar se essa articulação poderia ser observada em uma amostra específica foi adotado o método pragmático de Peirce.

Conforme um cruzamento de dados com as respostas dos questionários foi percebido que o efeito 1 se confirmou na amostra escolhida: 75% dos participantes, classificados como interatores conscientes da plataforma multicódigo, rejeitam o padrão de participação política. Já o efeito 2 não se confirmou, pois apenas 15% dos



participantes que expressaram rejeição à democracia brasileira e consciência dos processos de funcionamento das plataformas também demonstraram engajamento em questões relacionadas à política. No entanto, é interessante observar que a taxa de engajamento em formas de participação diretas é maior do que em formas de participação representativa.

Assim, este trabalho enuncia sua conclusão e, por indução, sua regra geral: ao considerar os casos em que é observada uma consciência crítica dos internautas sobre os processos comunicacionais multicódigos, conclui-se que, na medida em que aumenta a interação dos cidadãos com os processos comunicacionais multicódigos, aumenta também a rejeição à democracia representativa brasileira, mesmo que essa resistência ainda não desperte, nos brasileiros, atitudes presenciais contra essa forma de governo.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUNO, F.; VAZ, P. **Agentes.com: cognição, delegação, distribuição**. Revista Contracampo. Vol. 7, Nº 0, ano 2002. Disponível em: <<http://200.144.189.42/ojs/index.php/contracampo/article/view/15/14>>. Acesso em: junho 2014.

BOBBIO, N.; MATTEUCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de política**. Brasília: Ed. UNB, 1998.

FAVA, G. P.; PERNISA J., C. **Filtros Bolha nos Algoritmos do Facebook: Um Estudo de Caso nas Eleições para Reitoria da UFJF**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-1949-1.pdf>> Acesso em: junho 2014.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Ed. Aleph, 2008.

LÉVY, P. **A Inteligência coletiva**. São Paulo: Ed. Loyola, 1998.

McLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1964.

MINAYO, M. C. S. (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis/RJ: Ed. Vozes, 2001.

NÖTH, W. **Panorama da Semiótica de Platao a Peirce**. São Paulo: Ed. Annablume, 1995.

PEIRCE, C. S. **Collected Papers**. Cambridge: Cambridge: Ed. Harvard University Press, 1931-1958.

_____, C. S. **Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. Vol. I-VI. C. Heratshorne et Paul Weiss (eds), Vol. VII-VIII Arthur Burks (eds.) Cambridge: Ed. Harvard University Press, 1931-1958.

_____, **Obras Incompletas**. Col. Os Pensadores. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1983.

PIMENTA, F. **Ambientes multicódigos, Efetividade Comunicacional e Pensamento Mutante**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2015 (no prelo).

SANTAELLA, L. **Roteiro Para a Leitura de Peirce**. In PARLATO, Erika Maria et SILVEIRA, Lauro Frederico Barbosa. *O Sujeito Entre a Língua e a Linguagem*. São Paulo: Ed. Lovise, 1997.



_____. **O que é semiótica.** São Paulo: Brasiliense, 1983.